

Cibercultura: hábitos e práticas sociais de uma geração

Geso Batista de SOUZA JÚNIOR
Jornalista e mestrando em Comunicação
Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

Resumo

O avanço das tecnologias da informação e a correlata incorporação de meios técnicos de comunicação vêm contribuindo para a ocorrência de um acelerado processo de mudanças no mundo atual. Entre elas alteram-se as noções de tempo e de espaço na vida social. Na medida em que a acessibilidade à internet ganha novas propulsões, a tendência é que as pessoas comecem a usar mais as ferramentas móveis para acessar sites de redes sociais e que mais informações comecem a circular na rede. Este artigo visa refletir sobre a cibercultura, tendo como foco o público jovem e as ações de ciberativismo. Através da pesquisa bibliográfica, abordamos os conceitos de cibercultura, sociabilidade, incluindo neste cenário a identidade jovem, presença majoritária em comunidades virtuais, realizando, assim, uma revisão bibliográfica relevante para os estudos da área.

Palavras-chave: Internet, Comunicação, Juventude, Cibercultura, Ciberativismo.

1. Introdução

A sociedade em rede é apresentada por Castells (2003) como uma amplitude de imbricações. Ressaltamos que a sociedade em rede, para o autor, é anterior à internet. Segundo ele, a internacionalização do capital e as telecomunicações já estavam criando essa sociedade. É a partir dessa perspectiva que ele avalia que “o uso da Internet está se difundindo rapidamente, mas essa difusão segue um padrão espacial que fragmenta sua geografia segundo riqueza, tecnologia e poder: é a nova geografia do desenvolvimento” (2002, p. 174), que acompanha a geografia do capital.

O cerne de todas essas mudanças, todavia, é também apontado pelo sociólogo, que determina a troca da referência de tempo e espaço nessa nova era como a questão primordial para tantas conseqüências dela advindas:

Tanto o espaço quanto o tempo estão sendo transformados sob o efeito combinado do paradigma da tecnologia da informação e das formas e processos sociais induzidos pelo processo atual de transformação histórica. Contudo, o

perfil real dessa transformação é profundamente diverso das prudentes extrapolações do determinismo tecnológico. [...] O objetivo desse itinerário intelectual é desenhar o perfil deste novo processo espacial predominantemente de poder e função em nossas sociedades. (CASTELLS, 2003, p. 467-8)

Ainda sobre essa conjuntura, o sociólogo diz que:

A cultura da Internet é uma cultura construída sobre a crença tecnocrática no progresso humano através da tecnologia, praticada por comunidades de hackers que prosperam num ambiente de criatividade tecnológica livre e aberta, assente em redes virtuais, dedicadas a reinventar a sociedade, e materializada por empreendedores capitalistas na maneira como a nova economia opera. (CASTELLS, 2002, p. 83).

É neste âmbito cultural, demonstrado com a citação acima, que se tem desenvolvido a internet e é deste modo que Castells a define. O fenómeno internet, com todos os seus recursos e implicações, encontra a sua principal razão de ser nas interações sociais. É por isso que a internet é cada vez mais pesquisada para que se possa verificar novos padrões de sociabilidade.

Para o sociólogo, a internet, ao contrário do que sempre se disse nos meios de comunicação, não é um instrumento que deixa as pessoas sozinhas com o seu computador, mas que, ao contrário, é cumulativo. Quanto mais sociável alguém é, mais utiliza a internet, e, quanto mais utiliza a internet, mais desenvolve a sociabilidade e tem menos sentimento de isolamento.

João Bittencourt¹, em entrevista a revista digital IHU On-Line, comentou sobre como a internet está mudando o “jeito” de viver. Para tanto, ele explica que a web não apenas oportunizou novos instrumentos de comunicação, como também disponibilizou novas formas de conhecimento e de relação e, desta maneira, está criando uma cultura “mais cooperativa, mais comunicativa, mais informada sobre qualquer coisa”. No entanto, ele diz que essa nova cultura pode gerar também uma sociedade “mais superficial, mais impaciente”. Ainda que a internet e suas possibilidades estejam mudando nosso cotidiano em função das novas formas de fazer funcionar o mundo, Bittencourt (2010) salienta que “o século XXI irá tornar-se um caos caso se mantiver por mais alguns anos com esta

mentalidade analógica”. O professor sugere que “a sociedade atual deve se conscientizar da importância do tele-trabalho” e, assim, mudar a lógica analógica com que atuamos hoje. Ao discorrer sobre o conceito de poder liberador das redes sociais, Bittencourt diz que, na verdade, o poder liberador está no conceito da internet, de uma grande rede de comunicação e informação.

A riqueza revolucionária está na capacidade de transformar o receptor/consumidor em emissor/produtor de conteúdo. O caso recente do Irã é um exemplo disso. No século XXI, as ditaduras se tornam mais difíceis, fica mais complicado querer oprimir a imprensa oficial, pois existem centenas de pessoas com acesso à tecnologia e à internet, que podem transmitir a informação para todo o mundo, no momento em que o fato está ocorrendo. Não é só politicamente que as coisas mudam, mas o perfil do consumidor também se altera. As próprias campanhas publicitárias perdem a força no sentido de que hoje muitas pessoas não compram nada antes de ver a opinião de outros na internet. Antes, só uma campanha publicitária bem feita era suficiente. Atualmente, é mais difícil efetuar este convencimento (BITTENCOURT, 2010, online).

Deste modo, as comunidades passam a funcionar, com a internet, em territórios diferentes, ou seja, a noção territorial altera-se deixando de ser fisicamente extrínseca ao homem para ser criadora de lugares mentais muito mais intrínsecos e, talvez por isso, certos estudos comprovem o aumento da densidade social a partir da sociabilidade online.

2. Cibercultura e socialização

As redes digitais de comunicação podem promover a formação de laços sociais. Nesse sentido, o ciberespaço cria novos espaços por onde circulam diferentes saberes, que podem se relacionar de forma integrada, mediante ações democráticas e tende a ser ampliado e acessível para todos ou para muitos. É o resultado do processo cultural do humano que favorece a construção de ambientes democráticos e compõe um sistema participativo que pode ser conceituado como “interatividade”.

Castells (2003, p. 102) afirma que “se alguma coisa pode ser dita, é que a internet parece ter um efeito positivo sobre a interação social, e tende a aumentar a

¹ Professor do curso de Comunicação Digital e coordenador do curso de Jogos Digitais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos-RS). Entrevista dada à revista online do Instituto Humanitas Unisinos.

exposição a outras fontes de informação”. O que provoca alteração no homem e em suas estruturas, como a cultura, a educação e, conseqüentemente, a maneira de entender as coisas e de se relacionar.

A cibercultura é descrita como uma marca da cultura contemporânea. Conforme Lévy (1999, p. 17), o ciberespaço, também chamado de “rede”, é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, incluindo os seres humanos que navegam e alimentam este ambiente.

Castells (2003, p. 107) escreve que a “grande transformação da sociabilidade em sociedades complexas ocorreu com a substituição de comunidades espaciais por redes como formas fundamentais de sociabilidade”. As comunidades virtuais são entendidas como “agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações sociais no ciberespaço” (RHEINGOLD, 1996, p. 18).

Castells (2003, p. 106) apresenta a noção de “comunidades virtuais”, como novos suportes tecnológicos para a sociabilidade, diferentes de outras formas de interação, mas não inferiores. Também destaca o fato de que “é a crescente diversidade dos padrões de sociabilidade que constitui a especificidade da evolução social em nossas sociedades”. E assim, aponta que “o decisivo, portanto, é a passagem da limitação espacial como fonte de sociabilidade para a comunidade espacial como expressão de organização social”. Deste modo, a comunidade virtual possibilita que cada sujeito seja, simultaneamente, autor e audiência. Nesta perspectiva, percebe-se que a possibilidade de pertencer a uma comunidade ou a várias sem a necessidade de deslocamento físico, amplia as oportunidades de participação para sujeitos com diferentes necessidades, sejam elas físicas ou cognitivas, transitórias ou permanentes.

3. Identidade e comportamento: a influência da internet

Os anos 1990 trouxeram as redes digitais de comunicação, interligando o

mundo e pessoas, possibilitando o acesso simultâneo a diversas mensagens, individualizadas, através de diversos meios. Para Castells (2003), não estamos mais vivendo numa aldeia global, mas em cabanas individualizadas espalhadas globalmente e distribuídas localmente.

Assim, a construção da identidade estará pautada pelos seguintes aspectos da mídia desse final de século: possibilita ampla diversidade cultural e social conduzindo à segmentação de usuários/espectadores/leitores/ouvintes, favorecendo a formação de comunidades virtuais que expressem essas diferenças; aumenta a estratificação social dentre os usuários, a tal ponto que, no dizer de Castells (2003), o mundo multimídia será povoado por duas categorias distintas de indivíduos: os que interagem e os interagidos, representando aqueles que terão a condição de escolher seus canais multidirecionais de comunicação e aqueles que terão acesso apenas a um restrito número de escolhas pré-empacotadas.

Na relação contemporânea do adolescente com o grupo de amigos, as conversas e a linguagem cifrada usada nas diferentes identificações de estilos e “tribos” receberam um novo instrumento de ação, que é a internet e seus recursos digitais. De todas estas ferramentas disseminadas pela grande rede mundial, a que mais tomou força e, imediatamente alterou costumes, foi o “Chat”, também conhecido como “Bate-Papo”, e posteriormente, os comunicadores instantâneos, como o Windows Live Messenger, mais conhecido pelo antigo nome, MSN (Messenger). Atualmente, as redes sociais - Facebook, Orkut, Twitter, etc. - conquistaram milhões de usuários da grande rede. Percebe-se que os jovens e adolescentes formam hoje uma significativa parcela da população de internautas que vêm elegendo esses meios como seu principal canal de comunicação, gerando com isso algumas dúvidas entre os educadores e pais no que diz respeito aos efeitos causados por este estilo de vida, bem como as possíveis mudanças de comportamento que o uso do recurso possa acarretar.

4. Jovens e internet

De Nova York, Euripedes Alcantara escreveu para a reportagem especial de capa² da revista Veja, publicada em 1º de março de 1995, que a internet inaugurara a aldeia global na maior aventura tecnológica da humanidade. Desse limiar até os dias atuais, muitas mudanças foram constatadas no cotidiano dos indivíduos. Focando o tema deste trabalho, apresentamos uma reportagem sobre o assunto ‘jovens e internet’ tratado pela revista Veja.

Figura 1: Capa da Revista Veja de 18 de fevereiro de 2009



Fonte: www.veja.com.br

² A manchete na capa da revista dizia “A rede planetária em que você ainda vai se plugar”.

Em reportagem intitulada “A juventude em rede”, a publicação traz um panorama de como pensam e se comportam os adolescentes de hoje: “filhos da revolução tecnológica, eles vivem no mundo digital, são pragmáticos, pouco idealistas e estão mais desorientados do que nunca”, caracterizou a jornalista Anna Paula Buchalla. De acordo com a publicação, durante dois meses foram ouvidos dezenas de jovens, pais, psicólogos e educadores sobre os desejos, dúvidas, receios e ambições da adolescência dos anos 2000. Através de uma enquete com 527 pais e jovens de 13 a 19 anos de todo o país, disponibilizada por uma semana no site VEJA.com, foi possível identificar hábitos e comportamentos da atual geração de jovens.

A pesquisa concluiu que os meninos e meninas que nasceram a partir de 1990 não almejam fazer nenhum tipo de revolução – nem sexual nem política, como sonhavam os jovens dos anos 60 e 70, ou seja, mudar o mundo não é com eles. Fruto da revolução tecnológica e da globalização, pode-se dizer que eles formam, ainda, a geração capaz de realizar várias atividades ao mesmo tempo, uma vez que o aparato tecnológico praticamente virou uma extensão do corpo e dos sentidos. O fato de os jovens estarem sempre conectados os leva a ter interesse por mais assuntos e a ser mais bem informados de maneira geral. O lado ruim é que raramente tentam aprofundar-se em algum tema, como o estudo escolar. Sobre a conexão entre permanência em redes sociais e notas escolares, a revista Veja publicou recentemente a conclusão de um estudo desenvolvido na Universidade de New Hampshire³, dos Estados Unidos, que avaliou que o uso intenso de redes sociais não afeta nas notas escolares.

Para chegar a esta conclusão, pesquisadores dividiram alunos em dois grupos: os que acessam plataformas participativas como Facebook e YouTube e pessoas que não têm o costume de usá-las. Em ambos os casos, as notas foram similares: mais da metade dos entrevistados (63% e 65%, respectivamente) tiraram notas A e B, ou seja, acima da média. A pesquisa difere do que já foi dito por outra instituição americana. Em abril, de acordo com a revista, a Universidade de Ohio realizou um relatório, no qual constatou que internautas que possuem contas em redes sociais – no caso, o Facebook - estudam menos e

³ Disponível em: < <http://goo.gl/zHLdQ>>. Acesso em 10 dez. 2010.

tiram notas mais baixas, comparados a seus colegas de classe que não possuem acessos aos ambientes online sociais.

Figura 2: Ilustração e legenda publicada pela revista Veja



Fonte: Revista Veja (www.veja.com.br)

Ao falar sobre o comportamento do jovem contemporâneo em entrevista ao IHU On-Line, Fragoso (2010) diz enxergar mais similaridades que diferenças entre o comportamento dos jovens contemporâneos e o dos jovens de outros tempos.

Quando se olha através do aparato tecnológico que sustenta as interações sociais em redes digitais, ao invés de para ele, percebe-se que tanto o desejo de visibilidade quanto os caminhos escolhidos para alcançá-la permanecem praticamente os mesmos. O que mudou, mais uma vez, foi o alcance dessa visibilidade e, com ele, as reverberações das estratégias utilizadas para alcançá-la.

Quanto à formação de redes sociais, a pesquisadora diz que:

há indicações de que essas ferramentas de interação social são utilizadas com maior frequência para cultivar os laços sociais já existentes, e mais raramente para conhecer novas pessoas. Ou seja, é mais comum conversar no MSN com os colegas de escola do que com pessoas desconhecidas. Assim também, a maior

parte das relações sociais nascidas da interação em redes digitais não decorre de encontros aleatórios, mas de redes sociais pré-existent: as pessoas se aproximam em função de amizades mútuas. Em suma, parece que as ferramentas digitais para interação social têm sido mais utilizadas para o fortalecimento e a expansão das “velhas” redes sociais do que para a criação de novas (FRAGOSO, online).

Para Recuero (2009), os sistemas informáticos geram o afastamento entre as pessoas, ao mesmo tempo em que aumentam a confiança para expor a intimidade, além de proporcionarem o anonimato. Muito além de proporcionar a interação com pessoas do outro lado do mundo, redes sociais na internet como Facebook e Orkut buscam a socialização online com pessoas que dividem o mesmo território. Para a autora, a internet apenas possibilitou um espaço a mais de conversação, complexificando as conexões sociais. Sites de redes sociais, explica a autora, proporcionaram um espaço onde é possível mostrar as conexões sociais, criando novos valores e novas formas de reputação. Na medida em que a acessibilidade à internet ganhar novas propulsões, a tendência, segundo a pesquisadora, é que as pessoas comecem a usar mais as ferramentas móveis para acessar esses sites de redes sociais e que mais informações comecem a circular na rede. Nesse novo cenário, surge um espaço interessante para a função informativa das redes sociais, na medida em que há maior necessidade de filtrar as informações.

4.1 Protagonismo juvenil e ciberativismo: exemplos brasileiros

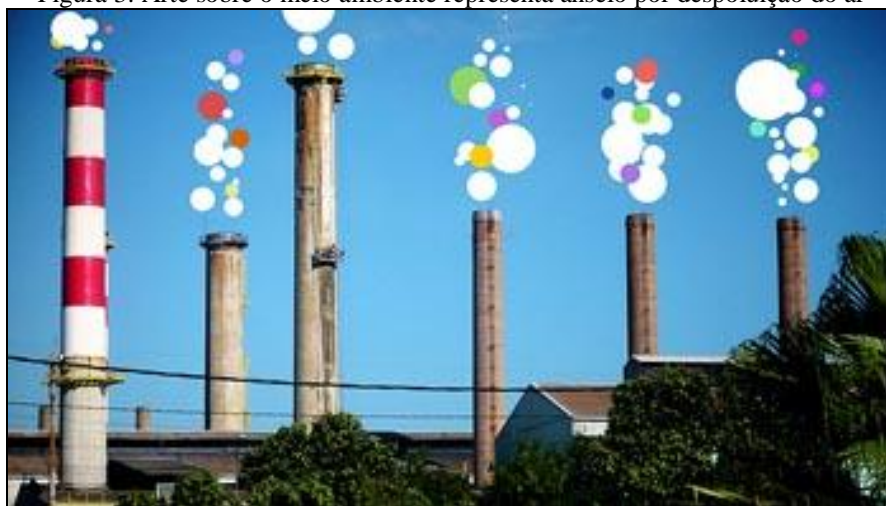
A web amplia o protagonismo juvenil nas causas ambientais, de acordo com Bianconi⁴ (2009). Os jovens que, nos anos 90, já mergulhavam no universo da internet e desvendavam com muito mais desenvoltura do que os seus pais as possibilidades das novas tecnologias são os mesmos que cresceram assistindo às convenções/conferências de meio ambiente, como ECO-92 e Bali-2007. Para a autora, é natural que esses jovens, ao se envolverem no debate das questões ambientais, o façam com auxílio das tecnologias que eles tanto dominam. Se em 1992, quando a conferência no Rio aconteceu, o protagonismo juvenil não pôde ser levado aos quatro cantos do mundo - o espaço nos veículos de

⁴ Instituto Claro. Disponível em: <<http://www.institutoclaro.org.br>>. Acesso em: 10 dez. 2010.

comunicação era reservado, prioritariamente, aos mais de 170 chefes de Estado que estiveram presentes no evento e aos grandes grupos de ativistas -, hoje as ações dos jovens ecoam pelas redes sociais.

A Campanha Global de Ações pelo Clima (GCCA-BR), batizada de Campanha TicTacTicTac5, uma aliança de ONGs, sindicatos e pessoas que objetivam mobilizar a opinião pública para reivindicar metas ambiciosas dos governos no COP-15 (Convenção das Nações Unidas sobre Mudança do Clima), que ocorreu em dezembro de 2009, só chegou ao alcance dos jovens graças a internet. O caminho virtual foi o utilizado para que eles se apropriassem da ação. No portal da Rejuma (Rede da Juventude pelo Meio Ambiente e Sustentabilidade) não faltam exemplos de como o protagonismo juvenil pode tornar-se notório com a tecnologia. Há exemplos também de como a recorrente falta de renda fixa dos adolescentes deixou de ser obstáculo para que eles possam se reunir e se organizar para soltar o verbo. Essa organização na rede, a capacidade de produzir conteúdo em defesa de uma determinada causa, fazê-lo circular pela web e o esforço despendido para mobilizar novos "atores" para questões importantes para a sociedade a partir de contatos virtuais chama-se ciberativismo.

Figura 3: Arte sobre o meio ambiente representa anseio por despoluição do ar



Fonte: www.flickr.com/photos/lucasbraga

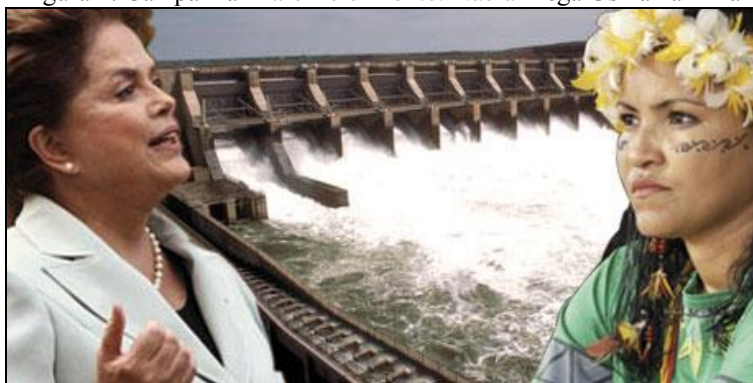
⁵ www.tictactictac.org.br

O Greenpeace, ainda nos anos 90, foi um dos pioneiros do ciberativismo, convocando os internautas a participarem, dentre outras ações, de abaixo-assinados que defendiam providências a serem tomadas em relação ao meio ambiente. Hoje, a organização tem uma página específica para esse tipo de ação em seu portal.

Com tecnologia, agilidade e flexibilidade, a organização Avaaz destaca-se como uma comunidade de mobilização online que leva a voz da sociedade civil para a política global. Desde 2007, esta organização mobiliza milhões de pessoas de todo tipo para agirem em causas internacionais urgentes, desde pobreza global até os conflitos no Oriente Médio e mudanças climáticas. Os membros da Avaaz vivem em todos os países do mundo e o país com o maior número de membros é o Brasil, com mais de um milhão de pessoas cadastradas. Vale ressaltar que o Brasil tem mais membros que países maiores e mais desenvolvidos, como o Canadá e os EUA, o que revela uma singularidade cultural.

A equipe da Avaaz monitora seus trabalhos a partir de quatro continentes, usando ferramentas online para coordenar um "escritório virtual" colaborativo. Em um balanço, a organização informa que atuou em milhões de ações online e offline, participando de marchas públicas e assinando petições. Tratando-se de petições, o ambiente virtual proporciona o fortalecimento e rapidez do engajamento em diversas causas, como aquela que se dedicou a enviar para as autoridades de Uganda uma petição contra a lei da homofobia, que o parlamento do país estava prestes a votar – naquele país, a homossexualidade já é punida com prisão. Com mais de 1.600.000 assinaturas, a pressão internacional conseguiu engavetar a votação.

Figura 4: Campanha “Pare Belo Monte: Não à Mega Usina na Amazônia”



Fonte: www.avaaz.org

Na data de conclusão deste trabalho, maio de 2011, ocorre no site da organização uma campanha para impedir a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte na Bacia do Rio Xingu, em sua parte paraense, uma vez que o complexo irá inundar pelo menos 400 mil hectares de floresta, expulsando 40 mil indígenas e populações locais, de acordo com o portal da Avaaz.

Vemos com os exemplos acima o quanto as tecnologias da informação e comunicação estão rearranjando as formas de relações sociais. A juventude, e não somente ela, detectou, deste modo, que o envolvimento e engajamento com diferentes causas, como a questão ambiental, podem ser estimulados a partir da tecnologia e do grande alcance propiciado pelas redes sociais da web, que reconfiguram o conceito de esfera social.

Considerações finais

Em nosso cotidiano nos deparamos com uma série de imagens a respeito da juventude que interferem na nossa maneira de compreender os jovens. Elaborar uma definição para a juventude não é fácil, principalmente porque os critérios que a constituem são históricos e culturais, o que foge ao tema deste artigo. As redes sociais na internet representam hoje um fator determinante para a compreensão da expansão de novas formas de redes sociais e, principalmente da questão juvenil, permeada por esse recente cenário.⁶

Constatações como as de Rheingold (1996), por exemplo, vêm comprovando que a sinergia entre as pessoas via web, dependendo do projeto em que estejam envolvidas, pode ser multiplicada com enorme sucesso. As diversas formas de comunidades virtuais são prova de que o ciberespaço constitui fator crucial no incremento do capital social e cultural disponíveis.

Há muito ainda a se aprender sobre a formação de redes sociais, a afluência de idéias e informações por meio de associações humanas no ciberespaço. O que já está claro,

⁶ Na mídia, quando são relacionadas as palavras ‘jovem’ e ‘internet’, muitos são os estereótipos criados, tais como *CDF*, *nerd* ou *geek*, oriundos da cultura norte-americana e disseminados por sua produção cultural hegemônica. Essa representação pode ser vista na série norte-americana *The Big Bang Theory*, transmitida no Brasil pelo canal pago Warner.

para as pessoas que povoam o mundo virtual, é que estamos diante de um fenômeno que nos força a pensar diferentemente a maneira como nos organizamos em grupos e comunidades. Os jovens dispostos nesses campos de interatividade constante tendem a redesenharem novos comportamentos que, somente com a vivência e a constante busca de estudar esse fenômeno nos poderá auxiliar a compreender, de forma relacional, esses movimentos que vêm sendo traçados diariamente.

Referências

BIANCONI, Giuliana. **Web amplia protagonismo juvenil nas causas ambientais**. Disponível em: <<http://www.institutoclaro.org.br/observatorio/reportagens/detalhe/web-amplia-protagonismo-juvenil-nas-causas-ambientais>>. Acesso em: 09 dez. 2010.

BITTENCOURT, João. O conceito da internet é liberador. **Revista IHU Online**. Disponível em: <www.ihuonline.unisinos.br>. Acesso em: 10 dez. 2010.

BUCHALLA, Anna Paula. A juventude em rede. Revista Veja. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/180209/p_084.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2010.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. A internet muda os paradigmas da relação entre comunicação e poder. **Revista IHU Online**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

FRAGOSO, Suely. As hierarquias e verticalidades nas redes sociais da web. **Revista IHU Online**. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, SP: Edusc, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

QUANDO as redes sociais não afetam notas escolares. **Revista Veja** (online), 26 fev. 2010. Disponível em: <www.veja.abril.com.br>. Acesso em: 10 dez. 2010.

RECUERO, Raquel. Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo. In: **Ecompos**, Internet, v. 4, n. Dez, 2005.

_____. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Lisboa: Gradiva Publicações, 1996.